



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 7 de Setembro de 2013 • Ano LXX • N.º 1813 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Fogos na terra

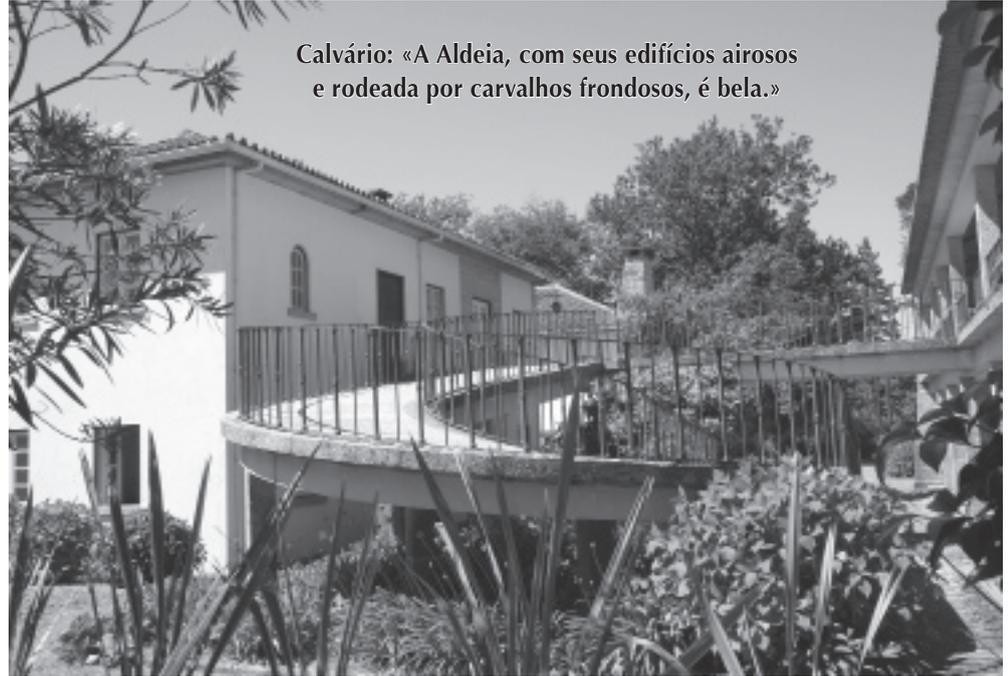
NO último século, houve dois conflitos mundiais e grandes descobertas científicas e técnicas que mudaram a face da terra e a compreensão do mundo. Na medicina, exploração cósmica e comunicações, entre outros, são domínios que transformaram significativamente as condições da vida humana e até aumentaram a esperança de vida nalgumas regiões do globo. Contudo, a fome, as pandemias, as alterações climáticas, o perigo nuclear, a destruição da biodiversidade e os múltiplos focos de guerras são nódoas miseráveis e por demais evidentes.

Este enquadramento geral ocorreu-nos

quando confrontados com um flagelo estival, aflitivo, que são os incêndios florestais, em cujo combate se manifesta a valentia dos *soldados da paz*. São corajosos e não viram as costas ao inimigo; mas, alguns têm sido vítimas dele. Há causas naturais, fogo posto e negligência, para além do abandono de áreas florestais. O lucro rápido também tem preterido as espécies de crescimento lento e autóctones, como os carvalhos e o sobreiro.

Esta preocupação afecta todos e especialmente aqueles que vivem em zonas com manchas florestais. Por estes dias, nas redondezas e das bandas de Góis, foram-se elevando na atmosfera tamanhas fumaradas que inquietaram também

Continua na página 4



Calvário: «A Aldeia, com seus edifícios airosos e rodeada por carvalhos frondosos, é bela.»

SINAIS

Padre Telmo

ESCREVO-TE da nossa Aldeia do Calvário — Doentes incuráveis e diminuídos. A Aldeia, com seus edifícios airosos e rodeada por carvalhos frondosos, é bela.

O senhor Padre Baptista partiu uma perna e — no leito do seu quatinho muito simples — sofre e pensa no andamento de tudo, até ao pormenor.

Graças aos nossos amigos voluntários — sr. Pacheco, sr. Amílcar, sr. António Henriques e tantos outros — a assistência e o carinho pelos doentes continua.

Tocou-me dar de comer ao «Faneca», sentadinho no seu banco e acenando com a cabeça sempre «não».

— Então «Faneca», dormiste bem? Estavas com fome? Maroto, não me dás palavra nem sinal.

Desde nascença este mutismo, está num mundo longínquo.

Como ele, tantos outros que não sabem o nome do

Padre Baptista, debruçado sobre eles a vida inteira. Acabou. Limpo-lhe a boca. Adeus «Faneca!» Nada.

Ele é uma flor singela e bonita num jardim viçoso a convidar-nos ao amor.

* * *

No começo desta crónica falhou a minha caneta. — Quem me empresta uma caneta?

— Eu! — disse o João. Que agarrando o seu saquinho, despejou tudo no chão. No montinho do seu tesouro, um pião — um lindo pião! «Se eu quando criança tivesse tido um pião como este?!», pensei. E a caneta? Lá estava debaixo das recordações que ele transporta com carinho e saudade.

— Ora vê, como ela escreve bem.

— Obrigado, João. — E logo se apressou a guardar tudo como se fossem bonequinhos de ouro. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

NÃO me sai da memória a pergunta de alguém a Jesus, quando Ele, a caminho de Jerusalém, pregava nas cidades e aldeias: «São poucos os que se salvam?»

O Mestre não respondeu directamente a este desconhecido que assim o interroga, mas deriva o seu diálogo para toda a humanidade: «Procurai entrar pela porta estreita».

Acabava de receber e pregar esta exortação e saía da Missa com os gaiatos e as pessoas de fora que, normalmente, frequentam a nossa Capela, ao Domingo. O Sol entrava em cheio no nosso jardim e banhava de luz o largo corredor, entrando pelos arcos adentro e inundando de calor todo o ambiente.

Sentada no fim do corredor, estava a Cármen com a menina

que adoptara, num carrinho de bebé. Conheço-a de há anos. Abandonada pelo marido cria cinco filhos, uma das quais é deficiente profunda. A criança que a acompanha é filha de uma cunhada que a abandonou ao nascer e ela acolheu como sua. O seu irmão, pai da criança, está preso e, na cadeia, tentou suicidar-se sem o conseguir, ocupando agora um lugar na prisão hospitalar de Caxias, na secção de psiquiatria.

Ao aproximar-me, atrás dos Rapazes que iam tomar o pequeno-almoço, ela olha-me e desafia-me: — *Sente-se aqui ao pé de mim.*

Que havia eu de fazer? Adivinhei logo que ela precisava de me transmitir as suas aflições e, retorqui-lhe com aparente rudeza: — *Tu pensas que eu sou teu pai?*

— *E é. Não tenho mais ninguém.* — respondeu sem pensar.

Pelo Natal de há dois anos, um grupo de Lisboa, guiado por um familiar do Pai Américo, trouxeram-lhe, a meu conselho, um frigorífico, um fogão e uma máquina de lavar roupa.

Junto dela, contemplava a criança a dormir no carrinho, e enchia-me da sua heroicidade. Sim, esta pobre é uma heroína. Quase analfabeta, é possuidora de uma sabedoria que confunde o mundo vazio: pobre, acolhe a todos. Abandonada, agarra os filhos, mais a sua sobrinha. Vive do abono e de algum subsídio mínimo.

Junto dela, sentia a porta estreita de que me falava Jesus na Eucaristia. Esqueci o pequeno-almoço, os Rapazes e o programa daquele Domingo. Chegava o momento de me saciar com a porta estreita.

Continua na página 3

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

HÁ dias, tivemos a visita de três senhoras que vieram conhecer-nos. São voluntárias em organizações de acolhimento de crianças. A mútua apresentação foi rápida, mas no curto diálogo foram dizendo que onde colaboram é muito difícil fazer alguma coisa com os jovens, até para os levar a passear.

Chamei um dos nossos Rapazes para, como é habitual, as acompanhar na visita e informar e esclarecer o que desejassem.

O resultado das impressões com que ficaram não as sei, não voltamos a falar, mas acredito que terão percebido a diferença de vivência dos nossos Rapazes com os jovens com quem colaboram. De facto, pelo menos no aspecto que afloramos, não há nos nossos o afastamento das rotinas diárias, nem desinteresse por este pequeno mundo que é a nossa Comunidade.

Percebe-se que o padrão educativo que em geral vigora nas instituições de acolhimento de crianças, pauta-se por colocar adultos a dar-lhes e fazer-lhes tudo o que os mesmos adultos consideram serem as suas necessidades. Situam-se de tal maneira que lhes ocupam o espaço que lhes pertence por natureza, abrindo-lhes outros espaços que, não sendo os seus, não aceitam.

Nós fazemos ao contrário. Eles é que hão-de fazer e dar tudo o que podem, em favor de si e da Comunidade, e apresentar as suas necessidades. Só quando há algum impedimento que lhes é alheio, então entra um adulto para colmatar essa carência. É a aplicação de um princípio hoje tão naturalmente aceite, da subsidiariedade, há muitos anos intuído por Pai Américo, em que não deve um maior substituir um menor quando este pode assumir uma determinada responsabilidade.

Aplicando o ditado popular, não deve o carro andar à frente dos bois. Nós somos simplesmente o eixo, no qual gira e se orienta a vida.

É mais fácil e cómodo fazer do que ajudar, pacientemente, a fazer. É mais fácil substituir o Rapaz do que deixá-lo fazer, acompanhando e corrigindo as imperfeições que lhe são próprias. Esta última atitude acarreta quase sempre sofrimento, por vezes difícil de suportar.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

PRAIA — Chegou ao final o último turno, em que o Erickson ficou responsável por tomar conta do grupo. Este ano foi um excelente ano de praia em que os Rapazes se divertiram, nadando, jogando futebol e até tomando banhos de sol, mas nunca fugindo às regras da nossa Casa. Esperamos que para o ano seja pelo menos igual a este ano.

COZINHA — Contratamos uma senhora para fazer o nosso almoço ao Domingo. Tem feito uns bons petiscos, estando também a substituir uma senhora que está de baixa. Os Rapazes gostam muito das refeições que a senhora faz.

BIBLIOTECA — Está cada vez mais repleta de livros, e os Rapazes têm começado a fazer requisições. O Filipe continua o trabalho de arrumar os livros nas prateleiras e fazer a ficha de cada um no computador. A leitura é

uma boa forma de desenvolver a escrita e até para ajudar a falar melhor.

OBRAS — Os Rapazes andaram a arrumar as coisas da lavandaria, para se poderem fazer as obras. A cobertura e o restante estava com fracas condições. Pretendemos que a nova lavandaria seja melhor para quem lá trabalha e para a lavagem e arrumação das roupas.

Bruno Alexandre

DESPORTO — Estamos a poucos dias de começar a nova época desportiva. Neste momento, todos os atletas estão de férias a recuperar a força necessária, para começar a preparação para mais uma época recheada de jogos, se para eles, estivermos preparados. Todos temos responsabilidades, no bom e no mau funcionamento da equipa; uns de uma maneira, outros de outra. A equipa não é de ninguém, é de todos. Não é por acaso que o Papa Francisco perante

todos os jogadores das Selecções da Argentina e de Itália, apelou para que os jogadores dessem o exemplo à sociedade, dentro e fora do campo. «Vocês, queridos jogadores, sois muito populares. As pessoas seguem-vos muito, não apenas quando estais sobre o terreno de jogo, como também quando estais fora». «É uma responsabilidade social», acrescentou o Papa, para quem no futebol impera a “camaradagem”. No futebol, sublinhou, «não há lugar para individualismo, mas, sim, para a coordenação da equipa».

Ora, com os atletas do nosso Grupo Desportivo, acontece precisamente na mesma. Temos que dar exemplo fora e dentro das quatro linhas. Embora pareça que não, temos muitos olhos sobre nós. Não é por acaso que os clubes nos recebem e nos visitam. Não podemos decepcionar quem quer que seja com as nossas atitudes e, até mesmo, com o nosso futebol. Temos valor para praticar bom futebol e ele-



O nosso campo já foi assim...

var o nosso nome tão alto, como Pai Américo o deseja. Pai Américo também gostava de futebol e pelos vistos, a varanda, era o seu “miradouro”.

É preciso ter em linha de conta que nós não representamos nenhum clube de futebol, ou coisa que o pareça, mas sim uma Família, que, graças a Deus, está a crescer e se todos ajudarmos, ainda mais há-de crescer. Temos que continuar a divulgar o bom nome

da nossa Família, com atitudes que tenham sempre o objectivo de agradecer a Pai Américo e aos seus colaboradores, por tudo quanto fizeram, fazem e venham a fazer.

Para terminar, lembrar este pequeno “desabafo” de alguém que um dia disse: «o futebol é o cartão-de-visita desta Casa», aquando da renovação do balneário.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — Em Agosto, naturalmente que houve dias com temperaturas elevadas. Nesta região, também alastraram os fogos, infelizmente. Na nossa quinta, tirámos as bandeiras do milho em dois terrenos; e foram postas a secar. Continuou-se a regar esta cultura. Os relvados e os arbustos dos jardins, e ainda as árvores de fruto e as videiras também se têm regado. Não tem faltado água, graças a Deus! Temos comido feijão verde na sopa.

CONSULTAS — Em férias escolares diminuíram as consultas, embora alguns Rapazes tivessem consultas indispensáveis (dentista e no Hospital Pediátrico). Está-se a tentar resolver a questão das taxas moderadoras.

RECREIOS — Tomar banho na piscina, depois dos trabalhos, é porreiro. Chegaram-nos berlindes que agradecemos, pois a malta anda mesmo aferroada com este jogo nas horas de recreio. □

MOÇAMBIQUE

Felisberto Boaventura

Um grupo de Amigos tiveram a iniciativa de celebrar o aniversário da tia Mónica em nossa Casa, e como prenda um par de ténis para cada Rapaz. Foi uma alegria grande pois estávamos a precisar, há muito tempo. O nosso muito obrigado!

No dia 25, os nossos Amigos da Academia do Bacalhau vieram passar o dia connosco, para lembrar os 22 anos do retorno desta Casa do Gaiato a Moçambique.

Com eles trouxeram-nos um cheque de 100.000,00Mt (cem mil meticais), produtos alimentares, roupas e calçado.

A equipa de odontologia, este ano, teve muito trabalho, das 7,30 às 21,00 horas quase não pararam de atender, pois muitos problemas tivemos com as máquinas e os cortes constantes de energia.

Em nosso meio, reina muito medo, pois a situação política em que vivemos deixa-nos inseguros. Os constantes assaltos à mão armada, sequestros e mais. Já acabamos por não saber quem é quem! Resta-nos pedir a Deus a Paz. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

OBRAS NAS CASAS DO PATRIMÓNIO DOS POBRES — Como os Leitores que nos acompanham com mais regularidade sabem, cá, na Paróquia, o costume tem sido a Conferência Vicentina ocupar-se da manutenção das Casas do Património dos Pobres, incluindo suportar os custos das obras que isso implica. No total, são 15 casas.

Isto não tira de irmos fazendo os esforços que nos são possíveis no sentido dos utentes dessas casas colaborarem nesses custos, no que estiver ao seu alcance.

Apesar do que se tem feito para manter as casas em boas condições, em boa parte delas há obras de maior vulto que vão precisar mesmo de ser feitas, nomeadamente no que se refere aos telhados.

Temos andado a ponderar este assunto, há algum tempo, devido aos custos elevados que isso implica, mas a cada dia que passa a necessidade é mais urgente. Para já, vamos começar com arranjos em casas onde as obras necessárias são relativamente mais simples, mas, depois disso, teremos que passar às que precisam de obras maiores.

Temos andado a correr casa-a-casa para definir estas prioridades. Daremos notícia à medida que os trabalhos forem decorrendo.

O nosso NIB: 0045 1342 40035435340 43

Os nossos contactos: Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

LAR DO PORTO

Carmo e Félix

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Aqui estamos, mais uma, vez a dar notícias da nossa Conferência. Infelizmente, nos tempos que correm, vemos mais famílias carenciadas e a precisarem da ajuda da nossa Conferência, para medicamentos, água, luz, renda da casa, alimentação e outros bens necessários ao dia-a-dia; e nós sem resposta porque olhamos para as nossas mãos e elas estão vazias — não temos verba suficiente para socorrer as suas aflições.

Ficamos destroçados e desanimados porque, ultimamente, não estamos a conseguir socorrer aos apelos que nos chegam, e sentimo-nos impotentes na nossa caminhada; só Deus e nós é que sabemos das dificuldades que estamos a passar, para prestar ajuda aos pobres.

Nas visitas que fazemos aos pobres, damos nota das suas necessidades: não terem dinheiro para colocar na mesa o essencial, cumprirem os pagamentos obrigatórios e para a saúde, quando alguém fica doente.

Estamos a ficar preocupados por-

que a continuar assim, e sem a vossa ajuda, fica complicado a nossa Conferência assumir o seu compromisso para com os pobres.

O Vicentino é um eterno sofredor, tem de ser um sofredor ou, então, não passa de um mero visitante, vazio da Palavra de Deus e do amor ao próximo. Sofre a impotência de não ter remédio, total ou parcial, para as suas feridas físicas e morais; sofre por ver o pobre a sofrer tão mergulhado na sua miséria que, por vezes, nem aspira a mais nada, tal é a sua desmotivação e de um desalento de toda a grandeza humana, em virtude de todas as portas a que bate se encontram fechadas.

Numa das visitas que fizemos a um dos pobres, contou-nos que uma das suas filhas foi à médica e esta receitou-lhe uma vacina que custa 300,00 euros e não é comparticipada, tentou obtê-la por outros meios, mas não conseguiu e pediu a nossa ajuda, mas como acima indicamos, estamos sem verbas.

O Vicentino é um discípulo de S Vicente de Paulo, dando o que

possui, o que seu amor a Deus lhe inspira em contemplar a fraqueza das suas soluções, continua sofrendo e não vê uma luz ao fundo do túnel, para poder minimizar alguns problemas daqueles que o rodeiam.

Por isso, o Vicentino, pobre de recursos e de influências, quase sempre está destinado a sofrer porque não existe na sua mão a cura de tal mal.

A nós, Vicentinos, só nos resta pedir ao Pai do Céu a Sua ajuda e comungar com os pobres os seus sofrimentos e as suas consolações.

Em nome dos nossos irmãos carenciados, o nosso muito obrigado e que Deus vos abençoe.

O nosso NIB: 0010 0000 44178020001 58.

O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis Rua D. João IV, 682 4000-299 Porto. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Agosto, 33.400 exemplares

Caridade

«Meus amigos (não consigo chamar-vos de outro modo, de tal maneira me sinto irmanada com a vossa causa), todas as vezes que recebo o vosso Jornal, leio-o sempre de “cabo-a-rabo” e nunca consigo reprimir as lágrimas que sempre me correm... lágrimas pelo que me descrevem, lágrimas pelas muitas coisas idênticas que vivi em conjunto com tantos pobres que Jesus me foi enviando ao longo da vida.

Muitas vezes tenho tido vontade (tentação?! de vos escrever e de vos dizer como as 4 páginas do vosso pequeno jornal são importantes para mim.

Hoje porém não resisto: o artigo do nosso Pe Américo sobre a questão de fundar o jornal fez-me lembrar exactamente aquilo que ele diz: “... tinha-me ensinado que os jornais de grande tiragem não aceitam ninha-

rias; só coisas sérias e importantes. E um deles que, julgo, por delicadeza aceitou, deu o artigo à estampa por tal forma mutilado que perdera com isso toda a verdade e sabor”.

Tive exactamente essa experiência, e por mais verdadeiras que fossem as notícias, ou mesmo talvez porque eram verdadeiras e incómodas por isso mesmo, não eram publicadas, ou eram de tal maneira truncadas que nem se entendiam...

Também eu criei um serviço de atendimento a crianças pobres e menos pobres, todos pobres em atenção humana, contra muitos dos poderosos da terra, que sistematicamente me fecharam portas.

Com muita luta, e com a ajuda de algumas pessoas sensíveis, batendo a todas as portas e denunciando injustiças gritantes, fui conseguindo sobreviver e ajudar tanto quanto

podia. Todos pagavam pouco mensalmente, mas os que não podiam não pagavam mesmo. Isso parece que chocava as entidades oficiais. Também isso foi luta. Mas foi-se andando.... “com muita paciência nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoitamentos”, etc...

Cheguei a socorrer-me da vossa Obra para prover a algumas necessidades de famílias mais carenciadas, que visitei com o sr. Padre Horácio, de quem guardo uma viva e grata recordação, e que me compreendia muito bem.

Hoje, viúva, doente, e com uma pequena reforma, resta-me solidarizar-me convosco e com todos os pobres que me continuam a bater à porta, através da oração.

Nada mais consigo dar.

Mas não podia deixar de vos agradecer, esta bênção que é para mim o vosso pequeno jornal.

Muito obrigada.

Maria»

SETÚBAL

Padre Acílio

Porcos

JÁ escrevi várias vezes que, tendo-se fechado os mananciais de onde vinha a carne de porco, fomos obrigados a criá-la com o nosso trabalho. Aproveitamos um espaço de terreno fraco para a agricultura e instalamos lá a pocilga onde os criamos. Sem grande experiência, aproveitamos algumas porcas que nos foram dando, e comprámos, por três vezes, bacorinhos, à espera que eles crescessem e se reproduzissem.

A comida abundante e rica em açúcar, fazia-os engordar muito e as fêmeas não entravam em cio. A nossa experiência era quase nula nesta matéria e os resultados negativos. Aconselhados por amigos, começámos a ter outros cuidados e a abundância de leitões entrou em cheio na nossa pocilga.

É um regalo contemplar quatro ou cinco porcas deitadas de lado, aos roncões, a dar mama às

suas crias, manifestando o prazer maternal de quem amamenta. E os bacorinhos esfomeados, lançando-se à porfia por cima uns dos outros, cada um à procura da sua teta.

Quadros vivos, da natureza real que os Rapazes observam e lhes “tempera” a alma.

Milheiral

O milho é a cultura mais marcante da nossa agricultura, não só pela extensão de terreno que ocupa — 18 hectares — mas também pelo trabalho, pelos cuidados e atenção exigida e, actualmente, pelo altíssimo porte das plantas.

Por ter sido semeado na altura própria, pelo zelo na preparação das terras e pela adubação adequada, o nosso milheiral está soberbo.

Ao acaso, há dias, encontrámos uma espiga com 740 grãos de milho. Os Rapazes deliram, cor-

rendo nos longos corredores por onde passam as máquinas de rega e espalhando água para 48 filas de gigantes plantas e vêm contar esbaforidos: «Já viu como está bom este ano o nosso milho?!»

Dizem os nutricionistas que o milho ensilado e fermentado reúne mais e melhores nutrientes que o mesmo dado fresco, directo, às vacas leiteiras.

Ninguém sabe tudo, e nós vamos aprendendo e confirmando a ciência dos outros.

O corte, transporte e ensilagem do milho tem de ser uma operação rápida para garantir melhor qualidade.

Os silos são os celeiros das vaquinhas. Durante todo o ano, duas vezes por dia, lá vão os vaqueiros com a pá do tractor carregar os quilos que a dosagem alimentar exige, para misturar com as ervas, a palha, a ração e outros desperdícios alimentares sobranes, que a grande máquina distribuidora tritura, caldeia e põe na manjedoura do gado. Espectáculos plenos de valores, a que os Rapazes assistem e assumem com toda a naturalidade. □

VINDE VER!

Padre Quim

Caminho novo

PELAS estradas ou carreiros, somos conduzidos do ponto de partida ao de chegada. Com frequência se ouve falar da insegurança nas mesmas, pelo fenómeno assustador da fragilidade das estruturas que a executam.

Depois da guerra — em que os irmãos, sedentos do poder, estiveram mergulhados de modo absurdo e os grandes lutavam pelo petróleo, à custa de sangue inocente, durante várias décadas, feitas inertes — não se lhe veio cada qual debicar o seu pedaço? Ao que parece, nesta sociedade ter-se-á dado início ao luto por causa das estradas.

No processo educativo há metas a serem alcançadas, a criança é o centro das atenções. Colocá-la ao nível deste patamar, sem distinção, é um acto de humanidade; favorecer o seu crescimento saudável, depois da experiência do abandono, é um acto de justiça que faz pulsar o coração de vitalidade e robustez.

Com a pausa pedagógica a decorrer para os académicos da nossa Casa, outras metas são apontadas para que o Rapaz as possa alcançar, para tornar completo o nosso *slogan*... «pelos Rapazes».

Ao vivenciar o pequenino, em si mesmo, que a *Obra é de Rapazes e para Rapazes*, nunca venha a esquecer que ela é, sobretudo, *pelos Rapazes*. Que para ser família, deve ser feita por eles. Pois, ao serem assistidos nas suas necessidades, não assistam como passivos telespectadores de como é feito o nosso dia-a-dia. O que por eles não pode ser agora feito, é recomendado a alguém experiente que os ensine a fazer.

O Alexandre «Prata» anda a ensinar os novos cozinheiros, amanhã estes serão mestres de outros. O Germano está a aprender, sobre a direcção do mano Pedro, a tocar órgão, para dar outro tom e melodia às nossas celebrações dominicais e festivas. Eles a executarem os cânticos litúrgicos, e que bem o fazem, num conjunto onde a comunidade toda faz um único coro. Alguém me perguntou, depois da santa Missa:

— *Eles estão divididos por vezes?*

— Não. — Foi a reposta que recebeu esta pessoa, e acrescentei: — *Divididos, nunca!* — Unidos sempre, quer na força quer nas vozes. Os mais novos cantam suavemente, os maiores com o tom agudo. Todos juntos formam uma bela melodia.

O acolitado e o leitorado, também feitos por eles.

No acto dos ensaios eles temem a responsabilidade, como é natural tratando-se de Rapazes ainda muito novos em idade e na vivência das responsabilidades pessoais. Acredito que são capazes, temendo mais do que eles que, em público, venham a meter água ou a jogar pedradas. E quanto mais temo, mais se aplicam para desfazer as dificuldades. E eis que aprendo a lição: — Ninguém espere educar Rapazes a quem se subestimam as suas capacidades. E ainda mais: — Se inibirmos as suas iniciativas, mata-mos os eus sonhos.

Há um canteirinho de cenoura onde os pequenos gostam de ir ter. O Baptista faz pouco tempo desde que está connosco e já lá foi arrancar algumas para saborear, fora do refeitório. Outros, não retiram o olhar do milheiral, onde as espigas estão a amadurar; depois, será merenda para todos. Quando são assadas nas brasas é que enchem de alegria da rapaziada.

Em tudo liberdade, acima de tudo responsabilidade. A primeira, é máxima; a segunda, é suprema — para educar homens novos para uma sociedade nova. Eis o caminho! — Assim em todos os sectores da nossa vida. Assim se faz a *Obra*. □

O CASAMENTO DO MÁRIO

Padre João

SERÁ no próximo sábado na Matriz da Lousã o enlace matrimonial do Mário. Ontem veio com a sua noiva ao Lar do Gaiato de Coimbra onde, como tínhamos combinado, preparamos a Celebração e não só...: recordámos também alguns momentos da história da sua vida com a qual, quis Deus, por intervenção da *Obra da Rua*, nos tivéssemos, um dia, cruzado.

Na História da nossa salvação não há acasos mas certezas de Deus. Um simples encontro humano, como foi o nosso cruzar de caminhos, tornou-se encontro de salvação ao qual Deus tem dado densidade e conferido sentido — assim nós todos sejamos dignos...

Foi há já longos anos, numa casinha de Rés-do-chão, em Alhandra, rente à auto-estrada. Eram quatro crianças devidamente acompanhadas pelos serviços de Segurança Social e bem — pareceu-nos — mas de intervenção esgotada junto da família. A Assistente Social, uma mulher afeita ao sofrimento que lhe acarretava ver estes casos sem solução, pediu a nossa ajuda. De entre elas, o Mário que por ser o mais velho e dotado de grande sensibilidade, era a testemunha mais consciente, a «caixa-de-resonância», daquele desconforto familiar; naturalmente, o mais “sofrido” de todos.

Voltámos lá, anos mais tarde, para assistir ao funeral da mãe, com a qual, principalmente ele, tivera sempre uma relação mais próxima fazendo nela participar os restantes “manos”. Voltámos mais tarde, então todos mais crescidos, mas sem conseguirmos identificar o sítio da sepultura no cemitério...

O tempo foi passando por ele e ele no tempo fazendo-se

homem... Concluiu, em tempo oportuno o 12º ano no ITAP de Coimbra sob olhar carinhoso e atento dos seus professores e amigos. Trabalha agora numa grande superfície comercial de Coimbra — terra de adopção recíproca, no atendimento ao público.

A Teresa é a sua noiva com quem partilhará a “aventura” do seu casamento. Acabei de celebrar a Eucaristia da Memória litúrgica de uma grande santa, de uma grande mulher, santa Mónica. Poiso o meu coração na primeira leitura proposta pela liturgia desta memória litúrgica — uma perícopes do Livro de Ben-Sirá. Estava ainda bem viva em mim a conversa havida, com ambos, à noite e, de bem impressionado que fiquei, tomava como augúrio de futuro feliz para os dois: «*Feliz o homem que tem uma mulher virtuosa, porque será dobrado o número dos seus dias. A mulher forte é a alegria do seu marido: ele passará em paz os anos da sua vida.*

A mulher virtuosa é uma sorte excelente: é o prémio dos que temem o Senhor. Rico ou pobre, o seu coração será feliz e o seu rosto mostrar-se-á sempre alegre. A graça da esposa diligente alegre o seu marido e fortalece-o na sua sabedoria. É um dom do Senhor a mulher sensata e silenciosa: nada se compara à mulher bem-educada. A mulher santa e honesta é uma graça inestimável e não tem preço uma alma casta. Como sol que brilha no alto dos céus, assim é a beleza da mulher virtuosa, como ornamento da sua casa.» (Sir 26, 1-4. 16-21).

No cálice e na patena que esta manhã elevei ao Céu iam também o destino destas duas vidas que Deus vai unir para sempre. Santa Mónica e seu filho, Santo Agostinho, os guardem a ambos nos seus corações; a aventura que vão partilhar tenha o sabor do Céu e o horizonte da eternidade; assim o requer o amor autêntico, o amor esponsal. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Ela trazia-me duas questões que muito a atrapalhavam: Uma multa do Tribunal de Benavente no valor de 85 euros. Andava a conduzir sem carta e foi apanhada.

Eu trazia dois envelopes, que pus no bolso, da Missa do Carmo em Setúbal. Vi, então, que cada um continha 50 euros. Este dinheiro das Missas é um dinheiro sagrado. É dinheiro de Deus! É pertença dos Pobres. Como me soube bem, passar do meu para o bolso dela: — *Toma lá, paga a multa!*

Estendeu-me então outro papel. Era uma notificação da Segurança Social para repor 246,78 euros, que ela havia recebido indevidamente.

— *Olha! Veio o vale e gastei o dinheiro,*

e agora? Onde é que eu tenho esta quantia para dar? Já lá fui, mas elas dizem que eu tenho de pagar e mais nada.

Lido com atenção, o aviso traz algumas cláusulas, através das quais uma pessoa instruída pode aduzir razões. Fala deste e daquele decreto a que só um jurista pode ter acesso. Não um pobre. Nem eu. Não sei, nem tenho tempo. Lá lhe passei o cheque à ordem do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social. «*Muitos hão-de tentar a porta estreita, sem o conseguir.*». Advertia Jesus a caminho de Jerusalém.

* * *

De uma das cidades turísticas do Algarve, uma pobre viúva, ao pressentir que este ano

não me ouviria na Igreja, escreve-me: «*Cada vez que leio O GAIATO farto-me de chorar, por saber que há tanta gente que vive luxuosamente e gasta em tantas futilidades sem se lembrar de quem nada tem. Chocou-me o caso da senhora a quem queriam tirar os filhinhos e sem poder aviar os remédios para a circulação. Como vendi o carro que era do meu falecido marido por 500 euros, envio essa importância para os medicamentos da senhora.*».

Estes gestos são sinais de quem acolhe a Palavra de Jesus e tenta entrar pela porta estreita.

Amanhã — o tempo é breve — sentar-se-ão no Reino de Deus, enquanto outros chorarão e rangerão os dentes por se verem irremediavelmente postos fora. Mesmo algum dos que comeram e beberam com Jesus e O ouviram falar nas suas praças fazendo «ouvidos de mercador». □

MALANJE

Padre Rafael

Ser rico diante dos olhos de Deus...

A notícia espalhou-se por todos os órgãos de comunicação angolanos e o Governo vê-se incapaz de responder ao chamamento do Povo. Quatro províncias de Angola estão sofrendo a maior seca dos últimos 50 anos e mais de oitocentas mil pessoas não têm acesso a alimentos de primeira necessidade nem à água. Todas as instituições religiosas, incluindo a Caritas, estão recolhendo todo o tipo de alimentos e centenas de camiões partem, das diferentes províncias, transportando água potável. E tudo acontece nesta Angola segundo maior produtor de petróleo de África, uma das maiores reservas de diamantes do mundo... considera a sua capital, Luanda, como uma das mais caras do mundo... «Não entendo nada do que se passa... alguém pode explicar-mo?»

Esta semana, Catete, Dina e Nuno vão viver para a cidade, após dois anos de vida comum decidiram continuar a ajudar a nossa Casa deste modo. Para trás ficam estes dois anos de entrega generosa. Foram muitos os momentos partilhados e, como em qualquer família, muito há que agradecer, perdoar e amar. Só há um Dono nesta Obra e todos somos obreiros... O Dono dela saberá recompensá-los por trabalharem na sua vinha.

Entraram dois novos Rapazes, enviados pelo Minars. Duas histórias com passado que não interessa, outrossim, o contrário: abrir-lhes as portas desta Família com coração de Mãe. Pela frente, quinze dias para que conheçam e se adaptem à nossa organização de vida: normas e horários para cumprir... nada fácil para quem

tem a rua como norma de vida. O milagre só pode acontecer no coração de cada um deles.

Continuamos com a reabilitação das casas graças ao projecto financiado pela Sonangol. No início pareceu-nos que iríamos deixar a Aldeia como nova. Agora, as obras ainda vão a meio e já nos dizem que o suposto está praticamente esgotado. Este fim-de-semana recebemos um inspector que veio analisar as obras realizadas até ao momento.

«Não entendo nada do que se passa. Alguém pode explicar-mo?»

Esta semana vamos preparar a primeira estufa, construída por nós mesmos, para cultivar no tempo das chuvas. A quantidade excessiva de água, que cai nesse tempo, torna quase impossível o cultivo de qualquer hortaliça. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

alguns dos nossos miúdos, que ficavam atraídos pelos movimentos dos *licótrolos* e, devido ao sufoco, mais lhes apetecia mergulhar.

Não pensemos que estas coisas só afectam os outros. Não é que apareceram alguns *fósforos*, deslocados de sítio! Nem sempre se medem os perigos e ainda mais quando a idade é tenra. Isto de experimentar começa logo quando é cortado o cordão umbilical. Formar rectamente a consciência é tarefa de uma vida e das comunidades.

Muito benéfico é o bafo do calor humano, como o dos pais, e que não se esquece jamais. Jesus, em cuja lareira de Nazaré crepitou o fogo, que aquecia a Sua família, encarnou totalmente esta imagem forte: *o nosso Deus é um fogo devorador*. Não é uma combustão destruidora, mas um *Lume novo* que veio ser ateado na Terra para a purificar e a abrasar os corações de todos, daqueles que O amam e o expandir até aos confins do mundo: *Eu vim trazer o fogo à Terra*.

Foi uma pequenina brasa que tentámos lançar ao vento fresco, no terceiro Domingo de Agosto, na Figueira da Foz, qual tradição tão grata desde que o Padre Américo teve licença eclesial para se apresentar ousadamente com palavras que faziam estremecer as almas. O quarteto resistente — Luís Miguel, N'anso, Amadú e Divino — deste

resto de Israel, ajudou às Missas e são da razão de ser do anúncio da Boa Nova. Nos abrigos que deixaram, estão ausentes progenitores, pão e trabalho, cuja calamidade tem espartilhado famílias de forma crescente. Quem tem pais, para criar os seus filhos e filhas, tem tudo...

É para atear esta labareda de ajuda às famílias pobres e com paixão pelos seus rebentos que procuramos atear também do fogo divino. Esta chama não pode deixar de arder para a sociedade não colapsar. É transversal e também por aquelas areias a desestruturação familiar se sente com acuidade. É uma chaga social a curar, desde a pequenina esfera de acção; veja-se o papel de tantos avós e pais sempre disponíveis a acolher e cuidar dos seus frutos. Naqueles dias do Senhor, foi encorajador ver, com os olhos da carne e sentir com as mãos da amizade, o afago recebido e a ânsia daqueles encontros, acarinhados pelo seu Prior Veríssimo, só com 50 anos de unção!

Afinal, rodeados por incêndios, tivemos mesmo de lançar simples faúlhas do amor que abrasa o Coração de Jesus, para se expandir naqueles que O escutam. O coração dos discípulos de Emaús ardia mesmo com a Sua presença.

Regressados daquela missão, foi necessária uma revisão dos extintores. Esta tarefa deixou alguns rapazitos curiosos. É necessário ter mil cuidados nas famílias; porém, a

centelha espiritual não é de apagar mas reavivar enquanto a torcida ainda fumega.

Na partilha da Palavra junto àquela praia, alguém nos interpelou para *chorarmos*... Na verdade, tem de haver concordância entre o que dizemos e realmente fazemos. Choramos, sim, os nossos erros e a falta de rasgo de alguns; e, mais, quando não se vê a Mesa Eucarística como cume desta vida. Temos a certeza absoluta que está aí o segredo do palmilhar e da paixão que consome quem se apaixona pelo *Incendiário*, mesmo com os pés queimados de suor.

Se tememos o fogo dos montes e vales, valha-nos o conforto da candeia de azeite, dos robustos olivais, que chama por todos. Aqueles que conhecemos e choram em beirais, até por falta de *rumédios*, como agora nos choraram, esperam pela mesa posta, pelo pão de cada dia. Paz e bem-hajam! □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

Voltando às nossas visitas, elas podem ver tudo à transparência. Os Rapazes mostram, falam, e até corremos o risco de falarem em exagero, estimulados por algo que os cativa e não corresponda à verdade. Mas nós sabemos que se aumentados ou diminuídos aos olhos das nossas visitas, tudo o que é falso acaba por se evaporar ficando somente a verdade. Esta é o que nos interessa e por ela damos a vida.

BENGUELA

Padre Manuel António

Vítimas inocentes

QUEM vive e permanece no amor tem a paz e a alegria. São irmãs gémeas que podem conviver mesmo com a dor, o sofrimento. Não podemos esquecer-nos de que cada um recolhe o que tiver semeado. É um princípio básico da vida verdadeiramente humana. Por isso, não queiramos outra forma de estar. A partilha do que temos e somos é a forma de amar que produz a nossa felicidade. O campo da sementeira é a vida dos mais necessitados. A confirmação desta verdade encontra-se no livro da experiência de cada um.

Recebi, há dias, uma carta dum amigo que não aceita a indiferença e o egoísmo que matam o amor no seu coração. Partilha! Deste modo, semeia confiança e esperança. Diz: «*Vou acompanhando, pelo jornal O GAIATO, o mundo de tribulações que o afligem. O pequeníssimo contributo que junto, dará, assim, para muito pouco. Espero que possa cobrir a despesa dalgum material escolar. Retribuo os 'beijos dos filhos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela'*». Naquele tempo, Jesus matou a fome de milhares de pessoas com cinco pães e dois peixes. E todos ficaram saciados. Quem dera o símbolo destes dois peixes e cinco pães se traduzisse no «pequeníssimo» contributo da multidão de amigos espalhados por toda a parte. Que a indiferença e o egoísmo não matem a fecundidade do amor.

No princípio da manhã, deste Domingo, encontrei uma jovem de 19 anos, com o seu bebé ao colo. Conversámos. O pai do seu filho desapareceu. Vive com outras mulheres. Contemplei o rosto desta criança que parecia uma rosa. Mais uma vítima inocente da maldade humana! Os réus são conhecidos, mas não há forças na sociedade civil ou religiosa capazes de sustentar esta avalanche. A vítima central e inocente é a Criança. Os verdadeiros culpados são os pais. O filho tem direito a uma família para crescer debaixo do olhar cheio de amor do pai e na fogueira do carinho da mãe. Deste modo, há um desenvolvimento equilibrado do filho para a riqueza humana da sociedade. Na ausência desta responsabilidade está, sem dúvida, a raiz de muitos males sociais. Tenho esperança de que este filho, tão querido, não tenha a porta aberta para ser mais um menino da rua. A fonte desta desgraça social está aí. É absolutamente necessário um acompanhamento responsável das filhas, da parte dos pais. A base do equilíbrio com segurança está aqui.

Os nossos Rapazes, sobretudo os mais pequenos, encheram o mini-autocarro para o seu passeio habitual, nos tempos livres. Era a tarde de Domingo. Conduzi-os até à cidade do Lobito, prestes a completar 100 anos de vida. Crianças de todos os estratos sociais brincavam nos locais de diversão. Esta convivência é muito salutar. Gera o sentido de igualdade na dignidade humana. Faz-lhes muito bem. Aliás, a Casa do Gaiato nasceu para ajudar cada filho a ser um homem, um cidadão normal. Por isso, todos os gestos e sinais de igualdade entre todos ajudam a criar uma sociedade fraterna, ao jeito duma grande família. Quem dera desaparecessem as divisões e separações! Vamos todos trabalhar neste sentido! A única força capaz de levar, por diante, este projecto maravilhoso, é o amor autêntico. Morte ao egoísmo e à indiferença! O nosso coração será tanto mais rico quanto mais partilhar o que é e o que tem, muito ou pouco. O que importa é estar aberto e ser generoso para com os que mais precisam. São verdadeiramente grandes os que mais servem os seus irmãos necessitados. Um beijo para todos vós dos filhos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Somente alcança misericórdia aquele que, por misericórdia, se compadece da sorte dos Irmãos pobres. Isto chama-se Caridade. A Caridade não se falsifica, como não se falsificam os elementos da Natureza. Ela é aquilo que é — fonte de Vida viva; ela é já Vida de quem na pratica.

in Doutrina, 2.º Vol.

Ela está mesmo inscrita na inteligência e na vontade do ser humano, para que transforme a terra. Mas há uma característica na vida que não pode ser o paradigma da mudança — acabar com a sua imperfeição. Tirar ao Rapaz o seu lugar, para que não haja imperfeição, é acabar simultaneamente com os seus autores, impedindo-os de serem actores na vida.

Apesar dos trabalhos que acarreta, que a imperfeição seja aceite como uma «Feliz culpa» como estímulo para a necessária e verdadeira mudança. □